

SEWEL

SANTIAGO DO CHILE, junho. De Rancagua a Sewel o trem anda 69 quilômetros e sobe, em altitude, 1.700 metros. A princípio estamos no vale, com sua boa terra preta parcelada por hieráticas filas de álamos e eucaliptos em campos de cultura e pastos de gado holandês; chove como Deus manda, mas o frio é moderado. Depois começamos a remontar o vale do Cachapoal, roendo a encosta da Cordilheira. A terra é mais clara e pedregosa, a vegetação vai rareando, não há mais lavoura, e apenas de longe em longe, ao azar de um pequeno taboleiro abençoado por um fio d'água, há um retângulo de pastocú, numa encosta, uma pequena plantação de eucaliptos que se corta e se replanta. Depois vem uma paisagem de caatinga, e há quasi apenas uma árvore de fôlha, que parece, ou me faz lembrar, a jurema do Nordeste.

Vemos do outro lado do vale o casarão das termas de Cauquenes, e vamos subindo; deixamos o Cachapoal e marginamos o riachinho Coya. A paisagem vai se fazendo cada vez mais mineral; em Caletones, onde fica a fundição, ainda há árvores, e já começa a neve; a boca da enorme chaminé vomitando fumaça entre blocos de montanhas brancas de neve parece uma boca de vulcão artificial, monstruoso. Em Sewel não vemos uma só árvore: neva, e está nevando há algum tempo, e continuará nevando tôda a tarde e a noite. Amanhã, na hora de sair do alojamento, teremos de empurrar a porta com força para afastar a neve, e nos atolaremos nela até os joelhos.

Sewel (9.700 habitantes; o nome é de um antigo engenheiro) não é uma cidade, é uma imensa e infernal escadaria. Muitas centenas de homens com capas e chapéus de impermeável amarelo estão constantemente desobstruindo suas ladeiras e degraus das grandes massas fôfas de neve. Neva o inverno inteiro, e quando vem um dia de sol, é pior: essa massa imensa de neve se desfaz em torpe lama a escorrer dos telhados e rampas. Não haveria milagre de urbanismo capaz de fazer disto uma cidade humana; quando não está descendo, você está subindo, e se subir é mais difícil, descer é mais perigoso nesse piso escorregadio. A gente sobe pela rua, sobe por dentro das casas, das fábricas, do moinho, da mina. As rajadas de neve às vezes nos cegam e por um instante, arfando, nos quedamos vagamente perdidos nessa escuridão branca. Apesar das obras de barragem e das cercas de metal encravadas na encosta da montanha, às vezes ainda acontece que uma avalanche — um "rodado" — se precipita roncando sôbre a povoação.

Há um hospital excelente, há clubes para as várias categorias de empregados (o melhor, em que fazemos lanche, é exclusivo do "pessoal pago em dólares", hoje, aliás, em sua maioria, chileno) há cinema que muda de filme todo dia e funciona de manhã e à noite para atender ao pessoal dos três turnos de 8 horas de trabalho, há refeitórios bons e baratos, moradias aquecidas, há um serviço de assistência e bem estar social operante e numeroso, ginásio de basquete coberto, piscina quente para os operários, boas roupas e bom calçado vindos dos Estados Unidos; há festas, concursos, bailes e tudo o mais que é possível fazer para atrair e prender o trabalhador; mas há, sôbre tôdas essas coisas, um desconforto imenso, monstruoso, nesta vida em declive nesta cidade sem horizonte, com um palmo de céu quase sempre branco entre duas massas de neve, o moinho roncando, as cambas de "concentrado" descendo pelo cabo aéreo, as máquinas e chaminés e, depois de meses e meses de neve e mais neve a paisagem, no verão, é tôda de escarpas nuas, minerais — rios sem peixe, terra sem árvores, ar sem ave. Só o homem, esse bicho duro, pode sobreviver aqui. Sobreviver, mas não viver. E mesmo que a Kennecott Copper Co. fôsse uma instituição de benevolência e não uma empresa capitalista, a vida, nesta escadaria, nesta ladeira eterna, nunca poderia ser amável. Um quarto, pelo menos, dos trabalhadores, desce todo ano a serra, para ganhar menos, para ter menos direitos, menos coisas, menos regalia — mas viver uma vida mais humana, beber, amar, cantar, morrer no chão, entre árvores e vacas e estrélas e lua, e todo o perigo e sabor das humanas e chilenas aventuras.

29/6/55

R. B.

305